



Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Escola de Química e Alimentos (EQA)

Curso de Química - Licenciatura

"EDEQ - 37 anos: Rodos de formação de Professores no Ensino de Química."

EXPERIÊNCIAS DE DOCÊNCIA NO ESTÁGIO CURRICULAR DA LICENCIATURA EM QUÍMICA: RELATOS DAS VIVÊNCIAS.

Eveline Bischoff^{1,2}(PQ-IC), Eric Souza Sales¹(IC), Guilherme Kretzmann Belmonte¹(PG), Janine Rachel Viscardi¹(IC), Flávia Maria Teixeira dos Santos¹(PQ).

eveline.bischoff@farroupilha.ifrs.edu.br

1 - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Av. Paulo Gama, 110, Prédio 12.201, Porto Alegre – RS, Brasil.

2 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Farroupilha. Av. São Vicente, 785, Farroupilha – RS, Brasil.

Palavras-chave: *Estágio Curricular, Licenciatura em Química, vivências na docência inicial.*

Área temática: Formação de professores.

Resumo: Neste trabalho apresentamos os relatos reflexivos sobre as experiências de quatro professores em formação inicial, durante os estágios de docência no Curso de Licenciatura em Química na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os relatos dão visibilidade à complexidade das vivências e dos aspectos que constituem a formação docente, além disso, permitem uma aproximação à diversidade de dilemas enfrentados pelos professores iniciantes e as soluções que foram encontradas. Os relatos revelam as possibilidades de uma atuação reflexiva e crítica dos professores iniciantes, assim como sintetizam muito do que a literatura sobre formação de professores tem evidenciado.

Introdução

A pesquisa sobre a formação de professores se desenvolveu extensamente nos últimos anos no Brasil. Esse desenvolvimento está vinculado à busca pela superação das dificuldades históricas (qualitativas e quantitativas) relacionadas à formação docente no país. A análise da produção acadêmica nesse campo permite identificar na literatura (Fonseca e Santos, 2016) blocos temáticos que tratam das políticas adotadas na formação de professores; das características dos currículos das licenciaturas; do papel da pesquisa na formação de professores; das condições do trabalho docente e de seus efeitos sobre a saúde dos profissionais.

Além desses aspectos gerais outros, relacionados ao foco deste trabalho, referem-se à constituição da profissão, dos saberes e da identidade dos docentes e do desenvolvimento profissional ao longo da carreira. Buscam elucidar os dispositivos de controle do trabalho e regulação de práticas docentes, da precarização social e econômica dos elementos profissionais ligados à docência e da composição identitária dos professores a partir de sua atuação profissional. Há ainda o tratamento de problemas típicos da formação docente, como a preparação do profissional eficiente e afeito às ações coletivas, de compartilhamento de valores, visões e representações com seus pares profissionais, das avaliações excessivas; do estabelecimento de posturas profissionais relacionadas à atividade docente que incluem formas de se executar o planejamento, a avaliação e determinar os objetivos a serem atingidos com a prática pedagógica; os desafios em provocar investimentos cognitivos e emocionais capazes de desestabilizar as posturas iniciais de professores em formação e as possibilidades de intervenção nesses processos.

A compreensão do complexo fenômeno da formação docente envolve ainda a análise dos conflitos e crenças vivenciados por professores novatos; a realização e



descrição de práticas de ensino desafiadoras e que promovem experiências didáticas no ensino básico; atividades docentes de interlocução entre universidade-escola que exploram o diagnóstico, a investigação, o planejamento, o ensino e a avaliação no processo educativo. Esses aspectos vêm sendo tratados na formação de professores por meio das aproximações à literatura e das vivências e reflexões sobre as experiências vividas durante os estágios curriculares do curso de licenciatura em química.

Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é apresentar alguns dos principais conflitos vivenciados por professores em formação, a partir de seus relatos e de suas experiências em sala de aula. A investigação busca ouvir a voz dos professores em formação e, ao mesmo tempo, permite uma análise crítica e reflexiva dessas vivências. Os dados foram coletados a partir dos relatos escritos por quatro licenciandos em Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os relatos, elaborados de forma livre pelos licenciandos, são apresentados na íntegra neste documento. Devido à restrição do número de páginas, alguns dos relatos foram encurtados, pelos próprios relatores buscando focar os elementos mais relevantes e importantes de suas primeiras experiências na docência.

O contexto de formação dos informantes é o curso de Licenciatura em Química (CLQ) da UFRGS e os Estágios Curriculares são desenvolvidos em três Estágios de Docência (I, II e III), com carga horária total de 420 horas (Fonseca e Santos, 2015). As atividades de observação do espaço escolar e a docência propriamente dita, que são realizadas na Educação Básica, são orientadas e fundamentadas a partir de um conjunto de referenciais que tratam os elementos presentes na literatura e que visam uma formação de um profissional prático-reflexivo e comprometido com o perfil de professor-pesquisador.

Relatos dos licenciandos sobre os estágios curriculares

Relato do Informante 1

Desenvolvi as atividades de estágio em três escolas da rede pública de Porto Alegre, os dois primeiros no ensino regular diurno e noturno, respectivamente, e o último na Educação de Jovens e Adultos. Essas três experiências tiveram uma série de diferenças, no entanto, todas as escolas eram de fácil acesso, possibilitando uma heterogeneidade de público. Em todas as turmas sempre havia mais de trinta alunos matriculados, contudo todas apresentaram um elevado abandono, apenas quinze alunos aproximadamente assistiam às aulas.

Prática I - O primeiro estágio foi em uma turma de ensino médio. Os alunos, em sua maioria, não trabalhavam ou desempenhavam a atividade de menor aprendiz. Muitos deles sonhavam com carreiras acadêmicas, por exemplo, medicina e alguns sonhavam com profissões como jogador de futebol. No período do estágio, desenvolvi concomitantemente o meu projeto de mestrado, sendo assim, dispus de um tempo maior para o desenvolvimento de planos de ensino e de docência.

Os conteúdos trabalhados foram cinética química e catalisadores. Pelo fato da escola ter um laboratório com boa infraestrutura optei por desenvolver atividades no laboratório de ciências. As turmas, como típicos adolescentes, eram agitadas, contudo eu aproveitava a energia deles para promover a participação nas aulas e aplicação das atividades. A turma possuía um aluno de inclusão, o qual era o meu maior desafio uma vez que tinha receio que a atividade não atenderia às necessidades desse aluno. Ele era interessado, gostava das aulas, tinha plano de



fazer PRONATEC, contudo apresentava dificuldades cognitivas, conseqüentemente, não mantinha a atenção ao longo do período.

Prática II - Com a conclusão do mestrado, comecei a trabalhar fora do meio acadêmico, conseqüentemente, as opções para a realização do estágio foram reduzidas. Assim, realizei o segundo estágio na mesma escola na qual realizei o primeiro, contudo no ensino noturno regular. Nessa etapa foi possível observar uma série de conflitos hierárquicos entre professor supervisor e diretor da escola, desmotivação docente e indícios de síndrome de Burnet. A docente regente ministrava a disciplina de química em duas escolas, realizava educação continuada e tinha pais idosos e doentes, essa última característica afetava o comprometimento profissional da professora que faltava sem avisar, chegava atrasada e deixava os estagiários esperando com os alunos para a aula. Eu assumi duas turmas de segundo ano e ouvi comentários, como: *"que pena, agora teremos aula"*.

Após esse início complicado, a regente da disciplina sofreu um acidente e foi afastada momentaneamente das salas de aula, conseqüentemente, também fui afastada da docência, pois não haveria supervisor. Instalou-se uma série de dúvidas e conflitos em mim, pois já se havia passado a metade do semestre e onde conseguiria novamente uma instituição (?). Às pressas minha orientadora auxiliou e pude realizar meu estágio, contudo sob ameaças de greves das escolas estaduais e um caos na esfera federal devido ao impeachment da presidente e reformas.

Prática III - Esse estágio foi realizado em turmas de primeira série do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com características típicas, ou seja, grupos muito heterogêneos em faixa etária e vivências. A professora regente possuía didática bem tradicional, prática que não é a indicada por lei para a EJA.

A contextualização foi um desafio para mim, pois, mais do que nunca, se fez necessária. Pelo fato de já possuir graduação em química industrial e mestrado em ciências dos materiais, era muito difícil pensar em fatos e assuntos cotidianos das vidas dos alunos que ajudassem a despertar interesses.

A primeira atividade realizada foi a da *"Caixa"* a fim de modelar o que seria o átomo para eles e para entender as ferramentas indiretas que cientistas empregam. Os conteúdos para a EJA não são tão engessados como no ensino regular, porém muito da nossa identidade docente é constituída pela forma pela qual fomos ensinados, assim, optei por conceitos os quais o colégio indicava e conforme havia aprendido no passado, sendo eles: átomo, tabela periódica e ligações químicas. No entanto, estes grupos de conteúdos constituíram-se em um desafio semanal de planejamento, mas contei com auxílio e informações da orientadora. Provavelmente, muitos professores optam por uma prática mais tradicional pelo fato da profissão ser tão individual e solitária.

Relato do Informante 2 –

Comecei a docência no Estágio Curricular em Química, embora já tivesse dado aulas particulares, essa foi minha primeira experiência como professor estagiário. As aulas foram para duas turmas do terceiro ano regular da Escola Estadual de Ensino Médio Padres Réus no período noturno. A primeira vivência foi a mais marcante, pois o ambiente da escola pública me era estranho, uma vez que eu havia estudado em uma escola particular de Porto Alegre. O espaço escolar era muito bom para desenvolver o estágio docente, todas as salas tinham suporte para mídias digitais (Datashow) e cada disciplina dispunha de uma sala própria com ambiente personalizado para a disciplina, além do forte apoio dos professores da



escola. Nas primeiras aulas, eu utilizei basicamente recursos visuais como o Datashow, onde conseguia mostrar vídeos para contextualizar os conceitos apresentados. Embora eu ficasse nervoso nos primeiros momentos das aulas os alunos me davam suporte com suas participações e, sempre que tínhamos espaço, eles me perguntavam sobre a UFRGS, pois o vestibular, assim como o ENEM eram assuntos frequentes.

A minha primeira experiência docente não foi finalizada, uma vez que os alunos ocuparam as escolas e os professores da rede estadual entraram em greve. Confesso que fiquei decepcionado, pois não pude concluir da forma como gostaria, entretanto aprendi muito com o "outro lado" da vida docente. A luta constante, tanto dos professores quanto dos alunos, por melhores condições do espaço escolar foram incrivelmente marcantes. Os alunos me surpreenderam com suas formações políticas, pois, embora estivessem no último ano já mostraram maturidade para discussões e ensaiavam suas primeiras mobilizações. Com a suspensão das atividades de docência e para suprir o restante do estágio docente, foi proposta uma oficina de produção de produtos de limpeza. O produto escolhido foi o álcool gel. A oficina contava com uma parte inicial de apresentação de conteúdos e depois os estudantes seriam responsáveis por produzirem seus materiais. A oficina foi realizada também para apoiar os estudantes nas ocupações de outras escolas no município de Porto Alegre.

O segundo estágio optei por um ambiente completamente diferente do primeiro. A Educação de Jovens e Adultos sempre me chamou a atenção, uma vez que pude observar e compartilhar das experiências de pessoas com amplas histórias de vida. Considero essa experiência muito enriquecedora profissionalmente e pessoalmente. Trabalhar na EJA foi um desafio, já que muitos alunos vêm de um ambiente de desfavorecimento social e a procura da retomada dos estudos demonstra que eles têm expectativas para melhorarem suas vidas. No entanto, foi onde tive mais dificuldades, dado que as aulas precisavam ser muito mais contextualizadas devido à heterogeneidade dos alunos.

No último estágio procurei por um ambiente distinto dos outros em que já havia trabalhado. As aulas foram para duas turmas do curso Técnico de Radiologia da Escola Estadual Técnica em Saúde no Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Chamou-me a atenção um ambiente majoritariamente feminino nas duas turmas. Os alunos, assim como na EJA, têm mais experiência e as aulas de química foram bastante contextualizadas, principalmente envolvendo o tema saúde. No entanto, também procurei mostrar outros ambientes que eles poderiam atuar. Em relação aos outros estágios, esse foi o mais tranquilo, pois já havia adquirido "certa bagagem" com os anteriores. Além disso, os alunos eram maduros e estavam em busca de uma profissionalização, o que certamente deixou o ambiente mais aplicado.

Uma ferramenta muito importante durante os três estágios foi a utilização do diário de campo. Utilizei-o como uma ferramenta de reflexão das aulas com intuito de apontar estratégias e impressões que colaborassem na construção de aulas futuras. Além disso, o diário de campo também foi utilizado como estratégia para uma autorreflexão, me permitindo identificar, de maneira objetiva, os problemas vivenciados em sala de aula e, possibilitando um processo contínuo de superação dos problemas observados.

Relato do Informante 3 -



Cursar a licenciatura em química começou a fazer parte dos meus planos profissionais enquanto cursava o bacharelado, como opção de curso 2 oferecida pela universidade. Mas, em virtude da alta carga horária de estudos necessários para a conclusão do bacharelado, estes planos foram adiados. Durante a realização do mestrado, passei a observar que a grande maioria dos concursos para os institutos federais estavam pedindo licenciatura como pré-requisito para a investidura no cargo público. Diante deste panorama, uma retomada no plano inicial se fez necessária. Dessa forma, entrei para o curso de licenciatura em química por meio da seleção de reingresso de diplomados e naquele momento eu já cursava o doutorado, também em química.

Cursar as disciplinas voltadas para a educação, apesar de demandar tempo, me proporcionou uma ampliação de ideias, acerca da educação e do ser docente, que eu jamais poderia imaginar. No entanto, a vivência da licenciatura a partir do primeiro estágio curricular obrigatório, ou seja, o primeiro contato com a sala de aula atuando como professora e não mais na zona de conforto como aluna, me mostrou de fato a realidade. Ter contato direto com a educação pública, a fornecida pelo governo do estado, me possibilitou ver as condições de trabalho dos professores, suas ânsias e reclamações, além da precariedade da estrutura física e educacional das escolas. Lidar com este choque de realidade é muito diferente de apenas ler e ver notícias nos jornais e televisão. Talvez este tenha sido o primeiro desafio real que tive que enfrentar nesta jornada de me tornar professora.

O primeiro estágio foi realizado em uma escola que oferecia a modalidade da EJA. Achei que seria muito interessante ter uma experiência com este público de alunos, pois eu havia frequentado uma disciplina sobre a EJA, a qual me fez refletir a cerca daquelas pessoas cujo direito à educação foi negado quando estavam na chamada "idade escolar".

O estágio foi dividido em duas etapas, sendo a primeira de observação do espaço escolar, o que incluía acompanhar as turmas em que seria realizado o estágio, outras turmas em que o professor titular também ministrava aulas, bem como a sala dos professores, laboratórios e biblioteca. Já a segunda etapa consistia na atuação como professora. Durante o período de observação, fiquei verdadeiramente chocada em dois momentos: no primeiro, foi ver a quantidade enorme de livros novos que estavam estocados em um dos laboratórios da escola, os quais deveriam estar em poder dos alunos, para que estes fizessem o correto uso dessa ferramenta de ensino. E o segundo, foi ao observar as aulas dadas pelos professores da escola. Apenas aulas expositivas e sem conexão com a realidade de vida dos alunos, mas o mais impactante foi um professor transcrever o conteúdo de um livro de física no quadro, e a explicação se deter na leitura daquilo que havia sido escrito, sem uma análise crítica dos conceitos que estavam sendo abordados.

Ao observar essas aulas, a minha vontade durante os planejamentos era o de compensar o tempo perdido dessas pessoas, que além de não terem tido a oportunidade de estudar quando deveriam, continuavam a não receber um ensino de qualidade agora. Como o estágio foi realizado em duas turmas do terceiro ano, o conteúdo trabalhado foi sobre química orgânica. A minha ideia inicial era de ensinar aos alunos os conceitos acerca deste tema, os quais para mim eram fundamentais, visto que minha pós-graduação estava se desenvolvendo nesta área. Claro que, a esta altura do curso, eu já tinha "aberto os olhos" para a importância da contextualização dos conceitos estudados, mas ao discutir com a professora supervisora do estágio, a importância que eu estava dando não parecia ser o



suficiente, ou seja, ela disse em vários momentos que a contextualização deveria ser o ponto chave no planejamento para aquele público.

Eu compreendia o que a professora queria dizer, mas intimamente eu queria que aquelas pessoas tivessem acesso aos conhecimentos que eu havia tido o privilégio de ter. Dessa forma, buscamos um equilíbrio entre conceito e contextualização, no qual todo o tópico que fosse abordado buscava uma relação com o cotidiano dos alunos. Ao longo do estágio, foi realizado um diário de campo, onde todas as observações, seja da resposta aos alunos frente a alguma atividade, facilidade ou dificuldade em relação a algum conteúdo, assim como, o meu desempenho e os tipos de escolhas que eram feitas foram anotadas. Após a leitura e reflexão dessas observações e a elaboração do relatório final da disciplina, me fizeram perceber claramente a tentativa da maioria dos alunos em compreender os conceitos abordados, mas certamente o que eles mais incorporaram foi onde vivenciamos a química orgânica. Foi necessário experimentar na prática, que o menos importante para um aluno da EJA é saber como nomear uma cadeia carbônica ou saber quais os tipos de funções orgânicas existentes. Esse acaba sendo um conhecimento "perdido", visto que nenhum daqueles alunos utilizaria esses conceitos em sua vida. Em contrapartida, o fato deles reconhecerem onde a química orgânica está inserida em nosso cotidiano certamente fez diferença.

Relato do Informante 4 -

Concluí o curso de Bacharelado em Química no ano de 2012 e decidi, ao longo de minha carreira, ingressar no curso de Licenciatura em Química com o objetivo de ampliar meus conhecimentos na área de docência.

Cursei as cadeiras teóricas da Licenciatura concomitante ao desenvolvimento do meu mestrado. Essas disciplinas me possibilitaram uma visão diferente do mundo ao qual estava acostumado no curso das ciências exatas. Porém, foi somente durante as disciplinas de Estágio de Docência em Química que tive a experiência do que significa ser professor e todos os desafios que essa profissão carrega em sua essência.

Meu primeiro estágio foi realizado na EJA. Foi uma experiência interessante e proveitosa, que contribuiu muito para o desenvolvimento crítico da docência e para formulação de planejamentos. Estagiar como professor da EJA revelou as dificuldades da docência nessa modalidade. A infrequência e evasão dos estudantes são comuns nas turmas de EJA e essa situação desmotiva a docência. Além disso, senti o peso dos diversos contextos que havia em sala de aula. O ensino de química na EJA foi algo desafiador, não por questão dos meus conhecimentos em química, mas pela dificuldade pessoal em trazer uma contextualização nos moldes das relações CTS. Esse desafio não foi algo negativo, pelo contrário, através dessa experiência e da utilização do diário de campo como ferramenta de investigação da minha docência, sinto que a EJA me ensinou muito.

Em virtude do movimento de ocupação das escolas, não pude concluir meu primeiro estágio. Porém, creio que essa situação criou oportunidades que não teria em outra ocasião. Visitei uma escola ocupada e conheci jovens que não estavam dormindo no chão por ser divertido ou para fazer algazarra, mas para proporcionar uma qualidade melhor de ensino, um ambiente coerente para as práticas educacionais e um futuro para aqueles que ainda não nasceram. E, como forma de concluir o primeiro estágio, realizamos uma oficina de produção de álcool em gel com esses jovens.



Durante a disciplina de Estágio de Docência em Química, pude conhecer com maior profundidade as metodologias de Ensino Ativo, em especial os Estudos de Caso (EC). Nesse aspecto, planejei utilizar meu segundo estágio como um ambiente para prática e estudo dessa metodologia, o que me proporcionou a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Realizei meu segundo estágio no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Canoas, em duas turmas do Ensino Médio/Técnico. O desenvolvimento desse estágio foi essencial para o desenvolvimento de minha identidade docente. Como já possuía uma boa prática de planejamento, em virtude do primeiro estágio, concentrei-me no desenvolvimento de outras habilidades. Trabalhar com o Ensino Médio foi uma experiência diferenciada, principalmente na questão disciplinar e de organização das turmas. Além disso, tive mais segurança de trabalhar a contextualização dentro da sala de aula e, através da metodologia de EC aprendi que existem outras possibilidades no ensino de química.

Meu terceiro estágio foi realizado em duas turmas de Ensino Médio. Em meu contato com outros professores e minha experiência nos dois primeiros estágios, já havia conhecido uma série de dificuldades e conflitos que os docentes enfrentam em sua profissão. O tamanho e quantidade de turmas, a falta de espaços físicos e materiais para desenvolvimento de atividades, questões disciplinares e institucionais, além dos currículos extensos e descontextualizados. Porém, foi somente no terceiro estágio que senti esses conflitos e sua influência em minha prática docente.

Antecipadamente, aprendi que a identidade docente não se restringe a prática dentro de sala de aula, um ambiente solitário, mas numa série de espaços e atitudes que os professores dividem em suas vidas.

O aspecto mais marcante desse terceiro estágio consistiu na questão disciplinar das turmas e no esforço que foi exigido de mim para organização das aulas. Conheci estudantes desmotivados com o ensino e com sérias dificuldades de leitura, escrita e matemática. Inicialmente, tinha a perspectiva de utilizar o Caso montado no estágio anterior como forma de introdução e desenvolvimento de conteúdos químicos, porém, em virtude de uma pressão institucional tive que modificar meu planejamento. Através de negociações, consegui trazer algumas problematizações para dentro das aulas, contextualizando um pouco o conteúdo.

Mesmo com essas dificuldades e conflitos, senti que esse estágio contribuiu significativamente para trazer outros aspectos da docência. Embora a experiência inicial nesse colégio tenha sido complicada, senti que a contextualização dos conteúdos e minha preocupação com os estudantes serviram para motivá-los um pouco mais para as aulas.

Conclusão

Os relatos corroboram aspectos importantes que são vivenciados pelos professores iniciantes e que, como vimos, são discutidos na literatura (Fonseca e Santos, 2016):

- a infrequência e evasão dos estudantes, além da heterogeneidade das turmas, como elementos de desestabilização do trabalho docente;
- a presença de alunos de inclusão nas turmas como um desafio para o docente, principalmente, os docentes iniciantes;



Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Escola de Químico e Alimentos (EQA)

Curso de Químico - Licenciatura

"EDECQ - 37 anos: Rodas de formação de Professores no Ensino Químico."

- como os conflitos institucionais, identitários e pessoais dos professores supervisores afetam o trabalho dos estagiários;
- o contexto político (local, estadual e nacional) e as consequências no funcionamento das escolas;
- o desafio de lidar com contextos muito diferentes daqueles vividos na formação acadêmica pelo estagiário;
- a contextualização do conhecimento de forma a adequá-lo a níveis/modalidades/turmas de docência diversos;
- o Diário de Campo do professor iniciante como uma ferramenta de reflexão sobre o trabalho docente.

Além desses aspectos, cabe ressaltar o desafio de se estabelecer uma prática reflexiva e, a partir dela, ser capaz de materializar essas reflexões de maneira coletiva, o que este trabalho buscou concretizar. A produção acadêmica, ainda durante o processo de formação inicial, é promotora de reflexão crítica e de constituição da pesquisa na e para a docência.

Referências bibliográficas

FONSECA, C. V.; SANTOS, F. M. T. O curso de licenciatura em química da UFRGS: estudo da estrutura curricular e de aspectos constitutivos da formação docente. **Alexandria** (UFSC), v. 8, p. 81, 2015.

FONSECA, C. V.; SANTOS, F. M. T. Educação em Química, formação e trabalho docente: revisão de pesquisas brasileiras (2002-2015). **Investigações em Ensino de Ciências** (Online), v. 21, p. 179, 2016.